

15

235

325

190

272

1092

14

CIDADES

124

Usina aumenta risco de malária em Goiás

Rebaixamento do Rio Tocantins na barragem da Hidrelétrica de Serra da Mesa vai atrair milhares de garimpeiros, favorecendo a ocorrência de surtos da doença

A Fundação Nacional de Saúde preparou uma verdadeira operação de guerra para impedir que a malária se instale em território goiano, a partir do município de Minaçu, e coloque em risco a população do Estado. Com o fechamento da barragem da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa naquele município, na próxima terça-feira, é esperado que um contingente de aproximadamente 10 mil garimpeiros invada à região, aproveitando a diminuição das águas do Rio Tocantins para buscar ouro. Segundo o coordenador regional da FNS, José Lázaro de Brito Ladislau, o mosquito transmissor da malária, *Anopheles darlingi*, é comum na região e que basta apenas a presença de uma pessoa com a doença para desencadear um processo de contaminação.

O trabalho de prevenção e controle da malária será desenvolvido ao longo de 140 quilômetros do curso do Rio Tocantins, a partir da barragem, sendo que os fiscais estarão agindo numa área de aproximadamente 5 quilômetros de cada margem do rio. Ladislau explica que já foi borrifado inseticida piretóide nas residências que estão na área de controle e que a partir do fechamento da barragem os agentes de saúde estarão fazendo a busca ativa de doentes. "Estaremos traçando um histórico de cada garimpeiro que se aproxime da região e, em caso de risco, vamos fazer coleta de amostras de sangue para análises, que serão realizadas em Minaçu", frisou. Ele afirmou ainda que, confirmada a doença, o agente de saúde recomendará o tratamento, inicialmente à base de cloroquina e primoquina.

Controle - "É praticamente impossível evitar que a malária se instale na região", reconheceu Neudvar Luiz Abrão, coordenador do Programa. "Estamos realizando esse trabalho preventivo para não permitir que a situação escape ao nosso controle", reforçou. De acordo com ele, a Fundação estará na região com 16 agentes de saúde, 2 inspetores, além de pessoal de apoio, que utilizarão 6 motos e 2 viaturas cedidas através de um convênio com Furnas. "O trabalho vai durar 17 meses, até a reabertura da barragem", disse. Neudvar lembrou ainda que a operação vai atingir os municípios goianos de Minaçu, Colinas do Sul e Cavalcante, além de Paraná, no Estado do Tocantins.

No ano passado foram registrados mais de 500 mil casos de malária, a maioria ocorrida na região da Amazônia Legal. "Goiás teve poucos casos registrados, sendo que em geral a contaminação se deu em outros Estados", justificou José Lázaro Ladislau. O coordenador regional da FNS, explicou que o mosquito fêmea do anopheles, que transmite a doença, age pela manhã e ao final da tarde e por isso esses horários deviam ser evitados pelos garimpeiros. "É importante destacar que não existe vacina contra a malária e que, apesar de existirem medicamentos eficientes, se não for tratada adequadamente o paciente pode ser levado a óbito", frisou Ladislau.

Índios Avá-Canoeiro são transferidos

Para evitar que os seis índios remanescentes da nação Avá-Canoeiro corram o risco de contrair várias enfermidades por causa do secamento do rio Tocantins, acima da hidrelétrica de Serra da Mesa, em Minaçu, no Norte de Goiás, a Funai acaba de transferir a residência do grupo para um outro local dentro de sua reserva. A nova moradia fica a cinco quilômetros do rio e foi escolhida a partir de um trabalho conjunto entre a Funai e os próprios índios. "Fizemos um rastreamento de toda a reserva nos últimos dois anos para que pudessemos determinar o melhor lugar", explica o técnico indigenista Valter Sanchez.

A mudança visa proteger os índios, principalmente, contra a malária, a febre amarela e a dengue, que poderão se espalhar na região a partir de 1º de outubro, quando as comportas da hidrelétrica serão fechadas. A explicação é que, depois desta data, milhares de garimpeiros deverão se dirigir à região para trabalhar no leito seco do rio e com eles deverão chegar diversas doenças, sobretudo aquelas transmitidas por mosquitos, cuja presença já foi confirmada no local. Apesar da Fundação Nacional de Saúde estar desenvolvendo um trabalho preventivo ali, a Funai optou pela mudança de residência para dar segurança total aos índios. "Sem esta medida, os Avá-Canoeiros seriam o grupo que mais correria risco com a situação", afirma Sanchez.

O novo local de moradia é constituído de uma casa, uma oca, um posto da Funai, uma enfermaria, um paiol e uma garagem. Localizado às margens do rio Piratininga, o principal curso d'água da reserva indígena, a nova residência está agradando o grupo, informa Sanchez. Como 80% das nascentes estão dentro da reserva, ele explica que a principal meta agora é adquirir as terras onde estão os 20% restantes. Com isso, explica Sanchez, a Funai quer garantir a definitiva potabilidade da água e a qualidade de vida dos Avá.